



# Frankl e o Livro Salmos: Diálogos com o Logos

*Frankl and the book of Psalms: dialogues with the Logos*

DOUGLAS DE OLIVEIRA MACHADO<sup>a</sup>

THIAGO ANTONIO AVELLAR DE AQUINO<sup>b</sup>

## Resumo

O objetivo desse artigo foi compreender a importância do livro de Salmos na vida e na obra de Viktor Frankl. Para tanto, realizou-se uma revisão da literatura das principais obras do autor. Pôde-se constatar várias referências aos salmos, tanto no âmbito teórico quanto biográfico, o que provavelmente constituiu uma fonte de inspiração para a intuição do Logos na existência. De forma geral, constatou-se três concepções acerca do transcendente: Deus silente, Deus presente e Deus libertador, o que possivelmente teria sido inspirado a partir da leitura do saltério. Concluiu-se que os Salmos poderiam catalisar descobertas de novos sentidos capaz de dar sentido tanto ao sofrimento, a dor quanto ao júbilo e a libertação.

**Palavras-chave:** Logoterapia. Religião. Salmos.

## Abstract

*The objective of this article was to comprehend the importance of the Psalms' book in the life and work of Viktor Frankl. Therefore, a literature review of the author's main works was carried out. Several references to the psalms were found, both in the theoretical and biographical scope, which constituted a source of inspiration for the intuition of the Logos in existence. In a general form, three conceptions about the transcendent were established: silent God, present God and liberator God, which possibly would have been*

---

<sup>a</sup> Universidade Federal da Paraíba (UFPB), João Pessoa, PB, Brasil. Bacharel em Psicologia, e-mail: douglasomachado.dom@gmail.com

<sup>b</sup> Universidade Federal da Paraíba (UFPB), João Pessoa, PB, Brasil. Doutor em Psicologia, e-mail: thiagoaquino19.ta@gmail.com

*inspired from the reading of the psalter. It was concluded that the Psalms could catalyze discoveries of new meanings capable of giving meaning to both suffering, pain, joy, and liberation.*

**Keywords:** Logotherapy. Religion. Psalms.

## Introdução

Este trabalho aborda o livro de Salmos, uma das principais fontes de inspiração na vida e obra de Viktor Frankl<sup>1</sup> (1905-1997). Em seu livro *A busca de Deus e o questionamento sobre o sentido*, Frankl relata que, desde a primeira noite no campo de concentração, leu sempre o livro de Salmos, com algumas interrupções devido ao lugar e circunstâncias, e achava muito interessante a relação estabelecida entre a leitura e a situação vivida (FRANKL & LAPIDE, 2014).

Izar Xausa, ao escrever um artigo sobre Frankl em 1983, atribuiu-lhe o título: “Salmista do século XX”, que é considerado, por ele, o maior título que já recebera. No livro *Em Busca de Sentido*, a autora diz sentir em várias passagens o mesmo estilo e lamento do Salmo *De Profundis*<sup>2</sup> (AQUINO, 2014). Ela também atesta que a relação de Frankl com os Salmos ia muito além do conhecimento e citações em sua obra: em sua vinda ao Brasil, ao ser hospedado no Hotel Embaixador, em Porto Alegre, fez questão de confirmar se a suíte tinha um quarto extra, pois cantava os Salmos em hebraico todas as noites (XAUSA, 2012, p. 50).

De forma geral, a religiosidade tem um importante e legítimo papel na vida do indivíduo — faz parte, inclusive, do processo de busca pelo sentido. Porém, a confissão religiosa não se aplica ao processo terapêutico, ou seja, no limite da fronteira entre a Logoterapia e a religião, a primeira termina onde começa a teologia (FRANKL & LAPIDE, 2014). Os objetivos da Logoterapia e da

---

<sup>1</sup> Viktor Frankl foi psiquiatra, neurologista e filósofo judeu, criador da escola vienense denominada de Logoterapia e análise existencial, uma forma de psicoterapia focada no espírito humano, que é fonte de saúde. Ao conectar e ativar a dimensão espiritual humana, a Logoterapia acessa a potencialidade de uma vida plena, estimuladora de saúde e que merece ser vivida (FRANKL, 2011).

<sup>2</sup> Salmo 130 (129).

religião se distinguem ontologicamente. Enquanto a psicoterapia pretende curar a alma, a religião tem como alvo sua salvação.

Um dos principais fundamentos da Logoterapia é a busca do sentido, que é constituído por três conceitos: 1) O sentido na vida, trabalhado com afinco na Logoterapia, é pessoal, individual e pode ser variável no decorrer da vida — através de intervenções psicoterápicas, pode ser reconhecido e elaborado. 2) O sentido da vida: embora também seja pessoal, sua apreensão é bem mais complexa — exige, no mínimo, uma avaliação de toda a vida para sua conclusão. 3) Sentido do universo: o meta sentido — esta é a perspectiva mais metafísica do sentido e a que mais se aproxima dos ideais teológicos. Embora também esteja vinculada a uma escolha, que pode ser aceita ou não, ela se parece muito mais com a fé, por depender de uma crença subjetiva, já que não pode ser totalmente compreendida intelectualmente (FRANKL, 2011).

Frankl afirma que “a logoterapia encontra legitimidade no fato de que ela não se ocupa apenas da vontade de sentido, mas também da busca de um sentido final, um meta sentido. E a fé religiosa é, em última análise, a crença no meta sentido” (FRANKL, 2019, p. 320). Dessa forma, o objetivo deste artigo é compreender a importância do livro de Salmos na vida e na obra de Viktor Frankl.

## **A relevância do livro de Salmos para a religião e para Frankl**

A inspiração dos livros bíblicos é um ponto teológico fundamental, já que o Antigo Testamento é alicerce da fé judaico-cristã. A teologia distingue duas teorias quanto à inspiração, que têm sido alvo de profundos debates. A primeira é chamada de Inspiração Verbal, cujas principais características giram em torno de Deus como o autor da Bíblia, no sentido de ser a causa formal. O enfoque da inspiração acha-se nas palavras da Bíblia, ou seja, dirige-se mais para o texto do que para o autor. Todas as palavras e relacionamentos verbais são inspirados por Deus, inclusive a expressão de emoções pessoais. Isso não significa que há um processo psicográfico ou de ditado, no qual a personalidade do autor é violada, mas Deus, em sua soberania, já havia

preparado o autor para sua tarefa instrumental. A segunda teoria é chamada de Inspiração Plenária, suas principais características afirmam Deus como o autor da Bíblia, mas de várias maneiras e processos. O enfoque da inspiração está nos escritores da Bíblia, a orientação é mais segundo o autor do que o texto. Os escritores foram inspirados em tudo o que escreveram, mas de modos variados. Os processos mentais são elevados e aguçados, relacionando-se com conhecimentos humanamente acessíveis, de onde se podem tirar inferências e conclusões (ELWELL, 1990).

Quanto ao livro de Salmos<sup>3</sup>, na teologia judaico-cristã, nunca houve dúvidas significativas de sua inspiração e canonicidade, embora haja alguns embates sobre datação, autoria e a autenticidade das notas e títulos que encabeçam alguns salmos. Salmos era um cancionero que expressava devoção pessoal, sabedoria, interpretações históricas, ritos litúrgicos etc. A música sempre teve um papel primordial na cultura judaica. Dispõe de dois métodos para falar a respeito de Deus: 1) Negação: na qual Deus é descrito por algo que não é, por exemplo, infinito (não finito), invisível (não sujeito à visão humana), “imutável” (não sujeito a mudanças). Este método deriva de um modelo racionalista. 2) Analogia: Deus é comparado a algo familiar do cotidiano, por exemplo, na utilização das figuras de linguagem e simbolismos do mundo bíblico (LASOR, HUBBARD, & BUSH, 1999).

Para uma melhor compreensão hermenêutica, Ravasi (1986) apresenta quatro linhas simbólicas para clarificar o conjunto do livro dos Salmos: (1) linha vertical-teológica: simboliza a verticalidade do homem em relação a Deus, remete-se em geral à transcendência e à dialética dos extremos. (2) linha antropológica-horizontal: remete aos símbolos zoomórficos, representativos da experiência humana, como por exemplo, ninho, rebanho, águia, dentre outros. Já os símbolos ilemórficos, são representados por metáforas referidas ao mundo vegetal, a exemplo da árvore verdejante que simbolizaria o homem virtuoso e a oliveira e a vinha como representativos da família. Por fim, os símbolos fisiológicos como o sofrimento que foi metaforizado por meio da imagem dos ossos que ardem como brasas. (3) Linha horizontal-cosmológica:

---

<sup>3</sup> Em hebraico a palavra Salmos é Tehillim (תהלים), em grego: Psalmoi (Ψαλμοί), e se referem a hinos, a louvores e a cânticos musicais (RAVASI, 1986).

desvelam os símbolos do monstruoso para se referir ao “nada” e a “anti-criação” representados por Rahab e o Leviatã, este último referente a mitologia fenícia. Tais metáforas referem-se à vitória da ordem cósmica. (4) Linha vertical-infernal: representa a imagem do Sheol, como o poço, águas escuras e a luta contra as forças malignas.

Nessa perspectiva, Ravasi (1986) considerou que os Salmos expressam emoções e sentimentos humanos, desvelando um verdadeiro “processo de aprimoramento dos arquétipos fundamentais da experiência humana” (RAVASI, 1989, p. 17). Por conseguinte, referem-se a questionamentos, em um estilo poético, acerca da dor, da morte e do júbilo humano. Já Asenio (1994) asseverou que os 150 salmos foram frutos de uma experiência de *profundis* de um povo que cantou suas vivências de sofrimento, de piedade, de contemplação, de confiança, de culpa e de libertação.

No preâmbulo do livro de Frankl, *Psicoterapia e Sentido da Vida: fundamentos da logoterapia e análise existencial*, o professor Johannes B. Torelló cita algumas curiosidades pessoais de Frankl, que, mesmo seguindo a fé judaica dos seus pais, utilizava-se “de um breviário romano para rezar os salmos (‘a mais bela versão é a da Vulgata latina’)” (FRANKL, 2016b, p. 9). Em seu artigo sobre o uso do latim na obra de Frankl, Aquino conclui que, além de demonstrarem o conhecimento de Frankl sobre a Vulgata latina, “as expressões latinas na obra de Frankl apontam para além de si mesmas, para uma imagem de homem e uma visão de mundo que foram se constituindo por meio das raízes latinas; fontes antropológicas clássicas, mas constitutivas do ser” (AQUINO, 2012b, p. 70).

A Vulgata latina utilizada por Frankl é a tradução de Jerônimo de Estridônia (São Jerônimo) a partir dos textos originais para o latim, e pode ser considerada um dos maiores patrimônios da cultura ocidental. Tornou-se uma referência obrigatória não somente para a teologia, mas, também, grande fonte de inspiração para várias concepções artísticas a partir do período medieval (FRANCISCO, 2005).

A tradução do livro de Salmos passou por algumas fases: a primeira foi por volta de 384, com a revisão do texto com base na Septuaginta, originando o *Psalterium Romanum*; a segunda fase veio com uma revisão da versão Vetus

Latina, que originou o chamado *Psalterium Gallicanum*. Jerônimo mudou-se para Belém, na Palestina, e retornou ao estudo do hebraico; ele não tinha gramáticas, dicionários ou léxicos, e se baseou em seu profundo conhecimento do hebraico adquirido com os rabinos da região. Deste trabalho resultou o *Psalterium iuxta Hebraeos*, sua versão dos Salmos direta do hebraico (FRANCISCO, 2005).

Francisco (2005) ressalta que o latim da Vulgata não era o latim erudito dos grandes clássicos da literatura latina, mas, também, não era o latim inexacto da *Vetus Latina*. O latim usado por Jerônimo era chamado de baixo latim ou latim eclesiástico. Sendo assim, podemos considerar a Vulgata latina uma versão mais simplificada em sua estrutura, tanto quanto mais correta em seu conteúdo, o que contribuiu grandemente para sua popularidade entre as diferentes culturas no decorrer dos tempos. Sobre a sua compreensão, alertou Mesters (1987, p. 148): “[...] a exigência principal para uma boa interpretação dos salmos é a vivência da própria vida em toda sua extensão e profundidade com todos os seus problemas e sentimento”.

As versões bíblicas e sua exegese são fundamentais para que seu conteúdo seja transmitido corretamente através dos séculos, das culturas e dos idiomas. No diálogo de Viktor Frankl com o rabino Pinchas Lapide, cujo foco de trabalho é justamente a avaliação das traduções bíblicas, este afirma que não há uma interpretação bíblica verdadeira sem o conhecimento do original hebraico. Isto vale tanto para o Antigo Testamento como para o Novo Testamento, cuja teologia se originou do judaísmo, por isso, defende: “Somente a ‘hebraica veritas’, que Jerônimo tão efusivamente enaltece, pode nos reconduzir às fontes” (FRANKL & LAPIDE, 2014, p. 31).

Lapide também elucida para Frankl como uma tradução errônea de um salmo pôde comprometer o seu sentido em sua utilização no Novo Testamento. As palavras ditas por Jesus Cristo na cruz, que estão registradas no Evangelho de Marcos, capítulo 15, versículo 34: *Eloí, Eloí, lemá sabachtani?* são as palavras iniciais do Salmo 22. Este salmo foi frequentemente traduzido incorretamente no grego e alemão como: Meu Deus, meu Deus, por que me abandonaste?

Porém, a tradução hebraica tem outro significado: Meu Deus, meu Deus, para que me abandonaste? A diferença é significativa, pois o que está em

questão nos lábios de Jesus não é uma dúvida a respeito de Deus, voltada ao passado, em um possível ato de rejeição, mas a incompreensão do sentido na totalidade daquele momento de sofrimento e dor. A tradução hebraica do Salmo aponta para o futuro, em que a questão é a razão do sofrimento. Enfim, é uma pergunta dirigida a Deus sobre o sentido do sofrimento, e não um possível questionamento de Deus (FRANKL & LAPIDE, 2014).

A inspiração sempre esteve ligada à divindade. Nietzsche usou o termo “Apolíneo” (Apolo é o deus da medida e da harmonia) significando o que é contemplativo, que é fonte de harmonia e beleza, porém, esta contemplação seria apenas um êxtase diante de um mundo de sonho e imaginação, da bela aparência, encontrado na massa do rebanho que tem a função anestésica. Em contrapartida, usou o termo “Dionisíaco” (Dionísio é o deus da embriaguez, da inspiração e do entusiasmo). Neste sentido, concebe ativamente o devir e sente-o objetivamente como a “volúpia curiosa do criador”, em que o próprio homem é ultrapassado por um esforço de criação pessoal (JUPIASSÚ & MARCONDES, 2001). Mesmo Nietzsche, que combatia a transcendência, estabelece dois modelos sugestivos ligados à inspiração: a Apolínea, ligada à contemplação, que tinha, segundo Nietzsche, um papel social de domesticação; e a Dionisíaca, associada ao arrebatamento com alto teor de criação e deleite.

Embora Frankl associe a inspiração à transcendência, e no caso dos Salmos essa inspiração seja expressa em um viés religioso, Frankl foi categórico ao afirmar que religiosidade não é sinônimo de passividade: “Nada mais falso, portanto, do que a afirmação segundo a qual a atitude religiosa torna o homem passivo; é exatamente o contrário, pode convertê-lo no homem mais ativo do mundo” (FRANKL, 2016b, p. 413). O homem religioso autêntico tem consciência de que está em uma guerra e que há um Deus a ouvir e seguir.

A religião comumente associa a inspiração ao misticismo, isto por indicar que poderes externos e superiores podem se comunicar conosco. Alguns distinguem entre: 1) o misticismo objetivo, forma mais comum no ocidente, em que se recebe a revelação em estado de transe, e a inspiração se dá mediante uma apreensão intuitiva, o que se caracteriza uma experiência mística; 2) o

misticismo subjetivo, forma mais comum no oriente, que considera a alma como um grande depósito de conhecimento e sabedoria, podendo ser sondado pela visão interior que nos é concedida pela meditação e pelos estados de consciência alterados que ela produz. As fontes de inspiração religiosa podem ser variadas: Deus, santos, espíritos angelicais, espíritos humanos desencarnados, entre outras. Os critérios para se atestar a veracidade da inspiração também são variados: a autoridade da instituição religiosa, coerência interna, coerência com outras mensagens, inteligibilidade, abrangência, praticidade, ou outros critérios específicos (CHAMPLIN, 2002).

Segundo Frankl, a razão pode se tornar um ídolo, cuja devoção pode se converter em desespero, e conclui: “E o que salva de desesperar-se com a ostensiva ausência de sentido é a confiança num supersentido oculto. É uma confiança que desiste de compreender o supersentido para acreditar nele” (FRANKL, 2019, p. 330).

É interessante notar a perspectiva mística religiosa, de aspecto subjetivo, do oriente, e como chegaram aos mesmos conceitos que foram redescobertos e sistematizados pela Logoterapia. Fabry revela, através de contatos pessoais com Frankl, que a teoria logoterapêutica, após as primeiras palestras, foi recebida como uma novidade nos Estados Unidos ao ser comparada à psicanálise. Porém, ao apresentar a Logoterapia na Ásia, Índia e Japão, disseram o contrário, “fizeram-me ver que o que eu dizia eram antigas verdades que podiam ser encontradas nos Vedas, no Zen ou nos escritos do Lao-Tsé” (FABRY, 1984, p. 205), o que tornou Frankl lisonjeado, e, enfim, concluiu que as duas avaliações estavam corretas. Considerando que a inspiração teria sua origem pré-reflexiva, no próximo tópico o leitor encontrará a perspectiva do inconsciente espiritual na visão de Frankl.

## **Inspiração: Diálogo que se origina no inconsciente espiritual**

Na Logoterapia, Frankl eleva a inspiração a uma posição especial, ele salienta: “tanto em relação à produção artística quanto como em relação à reprodução, o artista também depende da espiritualidade inconsciente [...]” (FRANKL, 2016b, p. 215). Isto porque, no inconsciente espiritual, há enraizado



o inconsciente ético (*ethos*) da consciência moral, o inconsciente erótico (*eros*) do amor, e o inconsciente estético da consciência artística. A fonte da inspiração é, portanto, não racional e não racionalizável, imersa numa escuridão que nunca poderá ser totalmente iluminada pela luz da consciência. Inclusive, a consciência, quando excessiva, torna-se um obstáculo, forçando o artista a conscientemente fazer algo que deveria ser espontâneo em uma profundidade inconsciente (FRANKL, 1992, 2014, 2016b).

Frankl relata a experiência com um violinista: ao ter uma tendência de querer tocar da maneira mais consciente possível, essa hiperreflexão resultou em um fracasso artístico total. O psiquiatra vienense procurou restaurar a confiança do violinista no inconsciente, já que este era “mais musical” que o consciente. A Logoterapia contribuiu libertando um processo inconsciente, em sua essência, da influência inibidora de um excesso de consciência (FRANKL, 1992, 2016). No caso em questão, tratava-se de uma (re)produção artística, porém, a Logoterapia também favorece os processos espontâneos do inconsciente espiritual ao desbloquear as forças criadoras e criativas da produção artística.

Contudo, isto não significa que todas as produções ou reproduções artísticas, éticas, eróticas ou estéticas devam ser atribuídas aos sentimentos. O próprio conceito de sentimento pode confundir. Há sentimentos que são situacionais, outros que são simples estados afetivos, e há os sentimentos intencionais. Somente os sentimentos intencionais podem ser atribuídos ao inconsciente espiritual, enquanto os meros estados afetivos, assim como os estados instintivos, não representam o homem em sua condição espiritual e existencial (FRANKL, 1992). Isto é evidente no caso dos Salmos, podemos perceber sua beleza na identificação com expressões de estados afetivos, como júbilo, tristeza, serenidade, medo, ansiedade, e tantos outros. Todavia, é na busca do salmista, em seus sentimentos intencionais, nos seus anseios e anelos diante mesmo da dificuldade, que encontramos a força inspiradora do livro.

Segundo Fabry (1984), há uma constante confusão acerca do inconsciente na Logoterapia, como se o inconsciente fosse menosprezado ou limitado, porém, de fato, a teoria não só se baseia na ideia freudiana de

inconsciente, como a amplia. Frankl vê no inconsciente não apenas as zonas instintivas e psíquicas de Freud, como também a noética, existencial e pessoal. É na área noética do inconsciente que o homem se torna uma pessoa que almeja o Ethos e o Eros como fenômenos transcendentais, e não apenas um objeto governado e manipulado pelo Id. “É nessa zona noética do nosso inconsciente que tomamos as grandes decisões existenciais. Daí extraímos nossas inspirações artísticas, nossa religião, nossas crenças e intuições. Ouvimos o sussurrar de nosso inconsciente dizendo-nos que tarefas devemos executar, e, com isso, orientando-nos para os significados de nossas vidas (FABRY, 1984, p. 50)”.

De forma similar ao salmo 139, o qual aborda acerca da onisciência divina que sonda o ser humano do levantar ao deitar, o autor da psicologia da Logoterapia também concebeu que haveria no homem uma instância suprema capaz de discernir e decidir de *profundis*: “aquela instância que decide se algo deve se tornar consciente ou permanecer inconsciente” (FRANKL, 1992, p. 24). Lukas sintetiza dessa maneira:

Os fenômenos propriamente humanos encontramos-os lá onde se trata dos fenômenos espirituais, da instância, no homem, que valoriza, que toma posição e que decide, a qual não é possível simbolizar por nenhuma parte do corpo, mas que pode ser melhor representada em termos religiosos com o espírito que Deus infundiu no homem (LUKAS, 1992, p. 187).

Para Frankl (2011), esta esfera espiritual profunda é forçosamente (in)consciente, por ser intuitiva e pré-lógica. Neste sentido, Xausa (2013) nos lembra que Frankl denominou sua teoria de “psicologia das alturas”, já que considera o homem de maneira completa, considerando o espírito (noética), defendendo sua dignidade e liberdade, inclusive dos condicionantes e determinismos de psicologismos e terapias que podem aprisionar, e conclui: “Nas alturas da psicoterapia do logos, encontramos toda uma inspiração com a descoberta do inconsciente espiritual e a prova de transcendentalidade da consciência. Assim, a criação artística e a plenificação mística, até então taxadas de sublimações na teoria psicodinâmica, encontram na logoterapia o lugar que lhes compete” (XAUSA, 2013, p. 15). Portanto, a inspiração tem sua fonte no inconsciente espiritual ou noético, e tem suma importância tanto para

a transcendentalidade como, também, para a singularidade pessoal. O homem, segundo Frankl, teria um diálogo inconsciente com o seu Deus pessoal, mesmo que seja de forma inconsciente. Assim, no próximo tópico será discutido o diálogo em direção ao Logos.

## **Transcendência: Diálogo em direção ao Logos**

Frankl (1992), ao compreender a consciência (*gewissen*) como algo que transcende a subjetividade humana, define-a como transsubjetiva. Por esse motivo, pode-se estabelecer um diálogo entre o eu e a consciência. Assim assevera o autor: “quando o diálogo com minha consciência for um diálogo verdadeiro, mais que um simples monólogo, quando minha consciência for mais do que meu eu, quando for porta-voz de algo distinto de mim” (FRANKL, 1992, p. 49), o fenômeno da consciência deixa de ser apenas uma perspectiva psicológica para ser uma perspectiva ontológica mais ampla.

Frankl conclui que o homem irreligioso ignora esta transcendentalidade da consciência, e ilustra esta posição com a história do jovem profeta Samuel<sup>4</sup>, que, quando bem jovem, ao dormir no templo e ouvir uma voz o chamando pelo nome, vai ao encontro do sumo sacerdote Eli, que diz não o ter chamado; a situação se repete, e só na terceira vez Eli discerne que Samuel deveria, na próxima oportunidade, posicionar-se e se dispor a ouvir a voz de Deus. Distinguir a voz da transcendência da voz natural não seria um desafio, porém, a consciência não é a última instância em que devemos responder apenas circunspecta na psicologia e que somente expressa a imanência; sem a transcendência, perdemos nossa humanidade (FRANKL, 1992).

Doravante, cumpre, pela introdução da noção de transcendência na ciência do homem, restabelecer uma imagem do homem mais fiel à sua natureza. Uma imagem correta rompe não só com a facticidade, como também com a imanência. Uma ideia

---

<sup>4</sup> 1 Samuel 3:2-9. Este é o profeta que, mais tarde, ouvirá a voz de Deus e ungirá o rei Davi, principal autor dos Salmos.

do homem limitada à imanência não está completa. Ou bem o homem se concebe como a imagem de Deus, ou degenera em uma caricatura de si mesmo” (FRANKL, 1978, p. 270).

Há uma tendência nos ocidentais, influenciados pelo pensamento grego (onde tudo é polarizado), de que a espiritualidade da linguagem, falada ou escrita, depende do grau de santidade e autoridade de quem a produz. Para tanto, não basta para os salmistas uma fonte no inconsciente espiritual, para que se ateste sua importância. Os autores dos Salmos deveriam ser consideravelmente santos e saudáveis; caso contrário, sua obra não teria importância. Porém, o rabino Lapide atesta que o pensamento judaico não é assim — enquanto no Novo Testamento, influenciado pela cultura grega, existe a dicotomia, na qual se é salvo ou condenado, santo ou impuro, da luz ou das trevas, ou eu tenho razão e ninguém mais que pense diferente tem razão, tudo branco ou preto; no Antigo Testamento, em que impera o pensamento judaico, existe uma grande escala de cinza, as coisas podem ser tanto um como o outro. Ele exemplifica com Davi, o maior rei de Israel e, ao mesmo tempo, adúltero e o principal dos salmistas; e os filhos de Coré, considerados autores de alguns dos salmos mais belos, embora seu pai seja o maior rebelde contra Deus e Moisés (FRANKL & LAPIDE, 2014).

Em suma, não é a perfeição dos salmistas que valida sua importância, autoridade ou valor, mas é a transcendentalidade e a capacidade de encontrarem esperança além de si. É interessante notar que a ideia de homem religioso em Frankl não está vinculada necessariamente àquele que pertence a uma instituição religiosa, ou segue determinados padrões ou comportamentos esperados. A religiosidade está associada à própria transcendência e espiritualidade (FRANKL, 1992).

Percebe-se, com isso, a dificuldade de investigar os aspectos transcendentais através de um processo reflexivo ou se utilizando do escopo racional. Frankl (1992) ilustra com o riso e o chiste: embora todos entendam e se utilizem de piada e riso, não há uma explicação científica completa do

fenômeno. Inclusive o humor é tratado como algo exclusivamente humano e sugerido como um atributo divino, sendo exemplificado por Frankl pelo fato de, em três salmos<sup>5</sup>, Deus ser descrito como aquele que ri (FRANKL, 2011).

O livro dos Salmos teve um papel fundamental na transcendentalidade de Frankl e em seu diálogo com Logos. Em sua conversa com o rabino Lapide, este faz uma observação sobre Frankl: “Aquilo que o senhor diz é, como todo discurso de Deus, um balbucio, que brota do mais íntimo do coração. Se fosse uma linguagem lapidada, teríamos de desconfiar”, para depois fazer uma interessante pergunta: “Naquele tempo de profunda necessidade e de mais bela felicidade, aquilo que o senhor dizia eram suas próprias preces, ou chegava aos seus lábios trechos dos Salmos ou da liturgia judaica?” (FRANKL & LAPIDE, 2014, p. 152).

A resposta de Frankl é que há balbucios mais profundos do que longas orações, assim como há músicas sem letras que são mais bonitas, e então fala sobre o Salmos, que era constantemente lido, inclusive desde a primeira noite no campo de concentração, e complementa dizendo: “Às vezes é quase inquietante como a relação pode ser estabelecida, quando o senhor aprendeu a ler os Salmos a partir da situação. Lá se encontram referências ao dia, ao dia de amanhã, ao dia de hoje, ao de ontem, ao cotidiano, à vida cotidiana” (FRANKL & LAPIDE, 2014, p. 155). Os Salmos não estavam apenas na memória ou conhecimento de Frankl, mas estavam impregnados em seu ser, como uma “voz da consciência”, voz que era a própria transcendência, que dava sentido às situações cotidianas, ao seu passado, presente e futuro.

Além da inspiração e da transcendência, os Salmos também envolvem um vasto conteúdo sobre a existência humana e o conhecimento sobre Deus. Para Frankl (1978), a ontologia do conhecimento deve preceder toda a psicologia. O ente espiritual que conhece nunca está “fora”, mas é um “ser-

---

<sup>5</sup> Salmos 2:4; 37 (36):13; 59 (58):9.

ai”. A psicologia, com sua atitude reflexiva, quebra esta relação, “coisificando-a”, ou seja, transformando-a em uma relação sujeito-objeto. O ente espiritual, com toda sua intencionalidade, transforma o “ser-aí” em um “ser-em”; esta é a base do conhecimento existencial, que vai além da divisão sujeito-objeto da psicologia. Frankl ilustra o conhecimento existencial com a etimologia da palavra “conhecer”, no hebraico, que denota ter relações sexuais. Nisso, pressupõe-se que esta intimidade só é possível entre parceiros iguais, um “ser-em-no-outro”. Porém, não existe e nunca existiria uma igualdade qualitativa entre o homem e Deus — é o que Frankl conclui, defendendo a consciência da limitação humana (FRANKL, 1978).

Neste sentido, Frankl se utiliza do Salmo 90 (89)<sup>6</sup> para discorrer sobre a necessidade da ciência se abdicar em prol da sabedoria do coração, que é atribuída ao homem simples e que admite suas limitações (FRANKL, 1992). Isto significa que, com a atitude correta da humildade, com um relacionamento que busque uma intimidade profunda, os Salmos conferem não precisamente um conhecimento científico sobre Deus, mas uma sabedoria reveladora que aponta para um encontro Eu-Tu (FRANKL, 2005). Dos vários Salmos usados por Frankl, há três que exprimem tanto as bases teóricas da Logoterapia como o entendimento que Frankl tinha sobre Deus.

**A) O Deus silente:** Salmos 18 (17):12<sup>7</sup>: “Das trevas ele fez seu véu, sua tenda, de águas escuras e nuvens espessas”. Este salmo é usado por Frankl no livro *A Vontade de Sentido* (FRANKL, 2011, p. 189) para expressar que a realidade da existência de Deus não depende de sua visibilidade. Ele usa a ilustração do ator que sobe no palco e, ofuscado pelos refletores, só consegue ver um buraco negro; ainda assim, a plateia está lá para observá-lo. Assim é o homem que representa a *performance* da sua vida para aquele que o observa,

---

<sup>6</sup> (Bíblia de Jerusalém, 2002). Salmo 90 (89):12: “Ensina-nos a contar nossos dias, para que tenhamos coração sábio!”.

<sup>7</sup> (Bíblia de Jerusalém, 2002).

mesmo sem vê-lo: Deus o observa do camarote. Em outro texto, ele reafirma: “Por maneira que Deus é sempre, para o homem religioso, o Ser sempre silente, a quem, no entanto, sempre invoca; o sempre inefável que não fala, a quem sempre se acode, contudo, para falar” (FRANKL, 2016a, p. 417). Outra metáfora para explicar essa realidade é a comparação com um pico de uma alta montanha, oculto na neblina. Para quem quer chegar lá, requer coragem para arriscar; esta coragem só pode ser encontrada no homem religioso (FRANKL, 1992).

Em um encontro com Martin Heidegger e um grupo de amigos em Viena, Frankl se utilizou de uma analogia para explicar o pensamento daquele a outra pessoa, que lhe havia pedido um resumo de sua palestra: certa vez, uma pessoa que procurava desesperadamente o planeta Terra com um telescópio, depois de ter percorrido todo céu, questionou-se o porquê de não o ter achado. Perguntaram-lhe onde ele fincou o tripé do telescópio, ao que ele assumiu: na Terra. Aí estava o que ele procurava (FRANKL, 2011). Heidegger gostou da analogia e lhe foi concedida permissão de Frankl para usá-la. O que se percebe é como as pessoas entram em desespero se não enxergam seu objetivo, quando o que importa, de fato, não é o alvo, um objetivo visível, mas o princípio, a própria base de onde se busca — o que não se enxerga e, ao mesmo tempo, é a essência; o Deus oculto é o Deus inconsciente.

Frankl afirma que a ideia de um “Deus oculto” não é presente apenas nos Salmos; na antiquíssima cultura helênica, já havia um altar dedicado “ao Deus desconhecido”. Sua formulação sobre o “Deus inconsciente” seria a relação oculta com um Deus oculto (FRANKL, 1992). Aos quinze anos, Frankl estabelece uma definição de Deus que vai se solidificando com a idade: “Deus é o parceiro de seus solilóquios mais íntimos. Cada vez que tu falas contigo mesmo com a máxima sinceridade e em absoluta solidão, aquele a quem tu te diriges pode ser legitimamente chamado Deus” (FRANKL, 2005, p. 67). O não

religioso concluirá que seus solilóquios foram monólogos solitários, o religioso dirá que foram diálogos verdadeiros com um Deus real.

**B) O Deus presente:** Salmo 56 (55):9<sup>8</sup>: “Já contaste os meus passos de errante, recolhe minhas lágrimas em teu odre”. Este salmo é referido no diálogo com o rabino Lapide, quando esse discorre sobre o tempo: enquanto os indo-germânicos distinguem entre o passado, presente e futuro, o hebraico assemelha o tempo a um rio, onde tudo flui. Frankl, então, disserta sobre sua ideia relativa ao tempo, que coaduna com a dos filósofos Hegel e Heidegger, o poeta Rilke, e este Salmo. Para Frankl, Deus possui nosso futuro ao mesmo tempo em que registra nosso passado e recolhe nossas lágrimas, Deus está sempre presente nesta perenidade (FRANKL & LAPIDE, 2014).

Ao mesmo tempo em que Deus é silente, há uma preocupação divina em apontar a direção. Frankl exemplifica isso com a passagem bíblica do povo hebreu no deserto, na qual há referência à nuvem escura onde Deus se esconde, mas, ao mesmo tempo, é a nuvem que vai à frente de maneira distinta, mostrando o caminho para o povo (FRANKL, 2016a). A transcendência não é sinônimo de acaso.

O fato de ser liberto do campo de concentração diante de uma probabilidade ínfima fez Frankl concluir que não foi por merecimento, já que os bons não sobreviveram, mas um milagre ou milhares de felizes coincidências (FRANKL, 2003). O milagre seria uma coincidência entre a agenda humana e a divina. E, mesmo quando parece que as circunstâncias são contraditórias, Frankl afirma: “Se convier ao Senhor Deus, Ele se expressa também através de todas as distorções, e até mesmo nas distorções. E a verdade pode, em determinadas circunstâncias, existir também lá, onde foram realizadas distorções” (FRANKL & LAPIDE, 2014, p. 127).

---

<sup>8</sup> (Bíblia de Jerusalém, 2002).



No dia 25 de março de 1949, em um discurso a pedido da Sociedade de Medicina de Viena, em homenagem aos médicos mortos na Segunda Guerra, Frankl começa o discurso citando a primeira parte do salmo 8:4: “Que é o homem, que dele tendes memória?” (FRANKL, 2019, p. 314). O intuito de Frankl foi mostrar como o homem, ao mesmo tempo em que pode ser tão frágil, pode ser tão digno. E, assim, percebe-se uma dupla dicotomia: Deus, oculto, ao mesmo tempo que presente; e o homem, desprezível, ao mesmo tempo que dignificado.

**C) O Deus libertador:** Salmo 118:5<sup>9</sup>: “Na angústia eu gritei a lahweh; ele me ouviu e me aliviou”. Esse Salmo marca um dos momentos mais significativos da vida de Frankl. Em um momento catártico, dias após sua libertação, em um campo aberto e amplo, ao ouvir o canto dos pássaros voando livres, simultaneamente ele olha para o alto e dobra seus joelhos, e percebe que não sabe muito sobre as coisas que o cercam; assim ele recorda esse Salmo e passa a repeti-lo inúmeras vezes. Neste momento marcante, ele começa uma nova vida em direção ao que significa ser realmente Homem (FRANKL, 2003).

Desde então, Frankl costumava ir a uma Sinagoga no dia 27 de abril para agradecer a sua libertação dos campos de concentração, o que coincide com a visão de Asenio (1994, p. 292-293) quando lembra que “o salmista é consciente de que sua presença agradecida no templo confessando publicamente a libertação de que foi objeto por parte de Deus é mais importante que os sacrifícios e oferendas”.

A liberdade é um dos pontos primordiais da Logoterapia, e seu significado está em concordância com o supracitado Salmo, em que Deus responde ao nosso clamor na angústia, nos dando liberdade. A solução divina para a angústia não é tirar a angústia, mas libertar. As angústias são inerentes

---

<sup>9</sup> (Bíblia de Jerusalém, 2002).

à vida, posto que o ser humano não é apenas livre de algo, mas livre para algo (FRANKL, 2003).

Segundo afirma Lukas (1992), a liberdade e o poder de decisão, fenômenos que são próprios do ser humano, encontram-se onde se trata dos fenômenos espirituais, que podem ser melhor representados, em termos religiosos, pelo espírito que Deus soprou no Homem; essa liberdade nos identifica com Deus. Ele criou o ser humano livre, e a sede de liberdade se manifestou quando Adão e Eva comeram o fruto fatídico. Ainda que esta primeira liberdade se apresente como desobediência ao próprio Deus, a responsabilidade resultante — o comer por meio do suor do trabalho, apenas vem complementar que esta liberdade é seguida de responsabilidade (FABRY, 1984). Pode-se concluir que, ainda que circunstâncias, ou escolhas pessoais, ocasionem angústia, o estado de liberdade continua sendo o referencial divino.

## Considerações finais

O objetivo deste artigo foi compreender a importância do livro de Salmos na vida e na obra de Viktor Frankl. Ao longo de todo o texto, pôde-se constatar uma influência da leitura dos salmos na construção do pensamento do autor da psicologia das alturas. O livro de Salmos foi sempre a sua fonte de inspiração e devoção, sintetizou diálogos no Logos, com Logos e sobre o Logos, fornecendo inspiração, transcendência e sabedoria.

Para abarcar a totalidade da dimensão humana e supra-humana é necessário uma sabedoria pré-lógica, intuitiva, que conduza a uma fé incondicional no Logos da existência (FRANKL, 1992). Para tanto, Frankl (1992) utilizou do termo *sapientia cordis* do Salmo 90 (89): “Ensina-nos a contar os nossos dias, para que alcancemos coração sábio”. Esta sabedoria pode ser acessada por meio de uma análise fenomenológica no Homem simples e comum. Como diz este Salmo atribuído a Moisés, é o Homem simples, comum e humilde, que aprendeu a contar seus dias e constatar a brevidade da vida e a

desenvolver o autoconhecimento, que estaria mais próximo de um coração sábio.

A partir de uma sabedoria ancestral, Viktor Frankl (2011) abordou em sua obra a tríade dor, sofrimento e culpa. Compreendeu que tais aspectos trágicos poderiam representar uma valência positiva no vivido humano ao transformá-los em uma realização humana. Sendo assim, a leitura dos Salmos poderia proporcionar um diálogo com o espírito humano, o que ampliaria a percepção e proporcionaria a descobertas de novos sentidos para a vida.

## Referências

- AQUINO, T. A. Análise da Narrativa de Viktor Frankl Acerca da Experiência dos Prisioneiros nos Campos de Concentração. *Revista da Abordagem Gestáltica*, p. 206-215, 2012.
- AQUINO, T. A. O latim na obra de Viktor Frankl e suas implicações teóricas. *Logos & Existência: Revista da Associação Brasileira de Logoterapia e Análise Existencial*, v. 1, p. 65-71, 2012b.
- AQUINO, T. A. *A presença não ignorada de Deus na obra de Viktor Frankl: Articulações entre terapia e religião*. São Paulo: Paulus, 2014.
- ASENIO, V. M. *Libro sapienciales y otros escritos*. Navarra: Editora Verbo Divino, 1994.
- BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Paulus, 2002.
- CHAMPLIN, R. N. *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia*. 6. ed. São Paulo: Hagnos, 2002.
- ELWELL, W. A. *Enciclopédia Histórico-Teológica da Igreja Cristã*. São Paulo: Ed. Vida Nova, 1990.
- FABRY, J. B. *A Busca do Significado*. São Paulo: ECE, 1984.
- FRANCISCO, E. F. *Manual da Bíblia Hebraica: introdução ao texto massorético: guia introdutório para a Bíblia Hebraica Stuttgartensia*. 2. ed. São Paulo: ed. Vida Nova, 2005.
- FRANKL, V. E. *Fundamentos Antropológicos da Psicoterapia*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.
- FRANKL, V. E. *A presença ignorada de Deus*. Petrópolis: Editora Vozes, 1992.
- FRANKL, V. E. *Em Busca de Sentido: um psicólogo no campo de concentração* 17. ed. Petrópolis: Vozes, 2003.

FRANKL, V. E. *Um Sentido para a Vida: psicoterapia e humanismo*. Aparecida: Ideias & Letras, 2005.

FRANKL, V. E. *A Vontade de Sentido: fundamentos e aplicações da logoterapia*. São Paulo: Paulus, 2011.

FRANKL, V. E. *Logoterapia e análise existencial: textos de seis décadas*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014.

FRANKL, V. E. *Psicoterapia e Sentido da Vida: fundamentos da logoterapia e análise existencial*. 6. ed. São Paulo: Quadrante, 2016.

FRANKL, V. E. *Psicoterapia e Sentido da Vida: fundamentos da logoterapia e análise existencial*. 6. ed. São Paulo: Quadrante, 2016a.

FRANKL, V. E. *Teoria e terapia das neuroses: introdução à logoterapia e à análise existencial*. São Paulo: É Realizações, 2016b.

FRANKL, V. E. *O Sofrimento Humano: fundamentos antropológicos da psicoterapia*. São Paulo: É Realizações, 2019.

FRANKL, V. E.; LAPIDE, P. *A Busca de Deus e Questionamentos Sobre o Sentido: um diálogo*. 2. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2014.

JUPIASSÚ, H.; MARCONDES, D. *Dicionário Básico de Filosofia*. 3. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

LASOR, W. S.; HUBBARD, D. A.; BUSH, F. W. *Introdução ao Antigo Testamento*. São Paulo: Ed. Vida Nova, 1999.

LUKAS, E. *Prevenção Psicológica: a prevenção de crises e a proteção do mundo interior do ponto de vista da logoterapia*. Petrópolis: Vozes, 1992.

MESTERS, C. *Deus, onde estás? Uma introdução prática a Bíblia*. Petrópolis: Vozes, 1987.

RAVASI, G. *Il libro dei Salmi: commento e attualizzazione*. v. 1. Bologna: Edizioni Dehoniane, 1986.

XAUSA, I. A. *Viktor E. Frankl entre nós: história da logoterapia no Brasil*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2012.

XAUSA, I. A. *A Psicologia do Sentido da Vida*. 2. ed. Campinas: CEDET, 2013.

RECEBIDO: 16/06/2022  
APROVADO: 01/07/2022

RECEIVED: 06/16/2022  
APPROVED: 07/01/2022